



TERRITÓRIOS PIBID

Uma publicação do PIBID ALFABETIZAÇÃO EAD - UFOP

Editorial

Um novo território para explorar

Prezadas leitoras e leitores,

Apresentamos a segunda edição do Jornal Territórios PIBID, um espaço de encontro entre a formação inicial de professores e a realidade viva das escolas brasileiras e, em especial, aquelas que compõem o PIBID-Alfabetização da Universidade Federal de Ouro Preto.

Abrimos esta edição com uma entrevista concedida pelo professor Danilo Ornelas, cuja trajetória articula gestão escolar, sala de aula e trabalho comunitário. Em diálogo franco, ele nos convida a pensar a escola como um território de cuidado, onde o enfrentamento a temas complexos, como o uso de drogas entre jovens, se faz por meio do conhecimento, da escuta e da criação coletiva de tecnologias sociais.

Em seguida, visitamos três escolas que integram o PIBID Alfabetização EAD: as municipais Monteiro Lobato (João Monlevade), Professor Johnsen (Três Marias) e Jair Noronha (Conselheiro Lafaiete). No próximo número do jornal conheceremos mais três escolas! Somos seis ao todo!

Por meio dos relatos de supervisoras e bolsistas, é possível perceber como o programa vem contribuindo para o avanço da aprendizagem, para a motivação dos estudantes e para a formação de futuros professores mais preparados e sensíveis à realidade das salas de aula.

Trazemos ainda contribuições teóricas e práticas: o PIBID na EJA (DEEDU), uma reflexão sobre as transformações da escrita na cultura digital, uma análise de obra literária com protagonismo negro, uma indicação de filme que sensibiliza para o universo emocional das crianças e uma sugestão de aplicativo voltado à alfabetização. Fechamos com um texto sobre a importância de se conhecer a estrutura das sílabas: um conhecimento essencial para quem alfabetiza.

Que esta edição possa inspirar leituras, inquietações e novas práticas. Desejamos a todos uma boa e proveitosa leitura.

As editoras

Gláucia Jorge e Rosângela Magalhães



Obra de Leandro Júnior, artista plástico natural de Cachoeira do Norte, distrito da cidade de Chapada do Norte, no Vale do Jequitinhonha.

Fonte: <https://www.conhecaminas.com/2019/05/leandro-junior-o-artista-da-tinta-de.html>

VEM AÍ O IV ENLIC SUDESTE

PROGRAMAÇÃO

Período	1º dia (terça-feira)	2º dia (quarta-feira)	3º dia (quinta-feira)
	Local: Centro de Convenções da UFOP	Local: ICB - UFOP (quantas salas?)	Local: Centro de Convenções da UFOP
Manhã	08:30-12:00 - Credenciamento	08:30-10:00 - Apresentação oral 10:00-10:30 - Café com prosa 10:30-12:00 - Apresentação oral	08:30-10:30 - Sessão de pôsteres 10:30-12:00 - Plenária de Encerramento - Premiação CI's Sudeste (Carta de Ouro Preto - IV Enlic Sudeste - 2026)
	Local: Centro de Convenções da UFOP	Local: Centro de Convenções da UFOP	
Tarde	13:00-13:30 - Credenciamento e atividade cultural 13:30-15:30 - Sessão de pôsteres e Lançamento de livros 15:30-16:00 - Café com prosa 16:00-18:00 - Mesa-redonda 1 e 2	14:00-16:00 - Mesas-redondas 3 e 4 16:00-16:30 - Café com prosa 16:30-18:30 - Oficinas 16:30-18:30 - Assembleia Regional Sudeste e Forpibid	
	Local: Centro de Convenções da UFOP	Local: ICB - UFOP	
Noite	18:00-19:00 - Cerimônia de Abertura 19:00-20:00 - Conferência de abertura	18:00-20:00 - Apresentação oral	

Fonte: <https://www.even3.com.br/iv-encontro-regional-de-licenciaturas-do-sudeste-705538/>



TERRITÓRIOS PIBID

Uma publicação do PIBID ALFABETIZAÇÃO EAD - UFOP

Territórios entrevista: Prof. Msc. Danilo Ornelas

Trajetória une escola, gestão e comunidade

Gláucia Jorge

Com uma trajetória que atravessa a gestão pública, a sala de aula e projetos sociais, o profissional que conversa com o Territórios PIBID reúne experiência prática e uma formação diversificada para pensar os desafios da educação hoje.

Mestre em Educação e Docência pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – título conquistado em 2023, sob orientação da Profa. Dra. Gláucia Jorge, ele desenvolveu sua pesquisa na área de Educação Tecnológica e Sociedade. O estudo teve como foco a escola pública, analisada como um espaço estratégico para articular redes e criar tecnologias sociais capazes de enfrentar o uso de drogas entre jovens.

Na rede estadual de ensino de Minas Gerais desde 2015, ele atua como Técnico Educacional, função que lhe permite acompanhar de perto o dia a dia das escolas. Ao longo desses anos, acumulou experiência em gestão educacional, acompanhamento pedagógico e implementação de políticas públicas, além de participar de iniciativas voltadas à inovação no ensino.

Sua formação chama a atenção pela diversidade: é licenciado em Educação Física e Pedagogia, e também graduado em Logística. Tem ainda especializações em Inspeção Escolar, Projetos Sociais (pela UFMG), Linguagens e suas Tecnologias, Direito Administrativo e Gestão Pública, além de um MBA em Administração. Um percurso que mostra seu interesse tanto pela prática pedagógica quanto pela gestão.

Na educação profissional, atua como Supervisor de Curso no PRONATEC e já passou por salas de aula como professor em instituições como a UTRAMIG e os Centros Estaduais de Educação Continuada (CESECs) de Vespasiano e Ibituripe. Fora da escola, também mantém uma atuação constante no campo social. Desde 2017, participa do Programa Grupo Meninos da Terra, onde desenvolve oficinas voltadas a jovens em situação de vulnerabilidade, com foco na promoção de direitos e no fortalecimento de seus caminhos na educação.

Entre a escola, a gestão e o trabalho comunitário, sua trajetória mostra um profissional que busca unir diferentes frentes da educação, sempre de olho nos desafios reais enfrentados por estudantes e professores no cotidiano.

Territórios: Sua pesquisa investiga a escola como um espaço de convergência de tecnologias sociais para prevenção ao uso de drogas. Como o devocênica tecnologias sociais no contexto escolar?

Danilo Ornelas: No âmbito educacional, as Tecnologias Sociais (TS) são compreendidas como um conjunto de técnicas, procedimentos metodológicos e materiais transformadores, desenvolvidos na interação com a comunidade e por ela apropriados. Elas emergem de necessidades sociais concretas e visam a soluções que promovam a inclusão social e a melhoria da qualidade de vida. Diferente das tecnologias convencionais, pautadas pelo lucro, as TS caracterizam-se pelo baixo custo, fácil aplicabilidade e reatividade às realidades locais, aliando o conhecimento técnico-científico ao saber popular de forma emancipatória.



fonte: arquivo pessoal de Danilo Ornelas

Territórios: De que maneira a escola pode atuar como uma rede sociotécnica, reunindo diferentes atores, professores, gestores, estudantes, famílias e comunidade, no enfrentamento ao uso de drogas?

Danilo Ornelas: A escola atua como uma rede sociotécnica ao constituir-se como um ponto de convergência onde atores humanos e não humanos interagem de forma interdependente. Sob a ótica de Bruno Latour, o social não se restringe apenas às relações humanas, mas engloba a mediação de objetos técnicos que condicionam a ação coletiva. Assim, a instituição escolar aglutina esforços do Estado, via programas como o PROERD, de organizações da sociedade civil e das famílias, formando uma "rede de corresponsabilidade" que busca o desenvolvimento integral do indivíduo em suas dimensões social e cognitiva.

Territórios: em sua pesquisa, aparece a preocupação com a iniciação cada vez mais precoce ao uso de drogas entre estudantes. Que sinais ou situações do cotidiano escolar os professores em formação precisam aprender a observar?

Danilo Ornelas: A investigação aponta que a iniciação ocorre, por vezes, em idades inferiores a 10 ou 12 anos, tornando os estudantes alvos de conversas sedutoras devido à carência afetiva e à desinformação. Os docentes devem desenvolver um olhar atento a sintomas como a queda súbita no rendimento escolar, lapsos de concentração e memória, e alterações na frequência escolar. A escola, por possuir maior capilaridade e influência sobre os jovens do que muitas vezes a própria família, torna-se o local privilegiado para o diagnóstico precoce dessas vulnerabilidades.



TERRITÓRIOS PIBID

Uma publicação do PIBID ALFABETIZAÇÃO EAD - UFOP

Territórios: Pensando na formação dos bolsistas do PIBID, quais conhecimentos ou sensibilidades pedagógicas o professor precisa desenvolver para trabalhar a prevenção de forma ética, crítica e educativa?

Danilo Ornelas: O professor deve compreender-se como um agente de transformação e mediador do conhecimento, capaz de fomentar a autonomia e a consciência crítica no estudante. É imperativo que a formação docente contemple a capacidade de utilizar as tecnologias para humanizar os sujeitos, transformando o aluno de mero consumidor em construtor do conhecimento. Além disso, o educador precisa ter sensibilidade para reconhecer que o abuso de drogas possui raízes sociais profundas, exigindo uma abordagem ética que evite o amedrontamento e privilegie a educação afetiva.

Territórios: Você menciona que as tecnologias sociais podem aproximar estudantes e expandir o espaço da aula. Como isso pode contribuir para processos de letramento, especialmente quando se trabalha temas sociais complexos como drogas, saúde e juventude?

Danilo Ornelas: As TS funcionam como meios poderosos de expansão do espaço da aula, permitindo que o conhecimento ultrapasse os limites físicos da escola através de metodologias como o ensino híbrido. Essa expansão contribui para o letramento crítico ao envolver o estudante na produção de novos sentidos sobre sua realidade social. Ao utilizar ferramentas tecnológicas para pesquisar e debater temas como saúde e prevenção, o aluno integra informação e prática social, desenvolvendo as competências necessárias para tomar decisões conscientes.

Territórios: Como o diálogo com autores como Paulo Freire influencia sua compreensão sobre práticas pedagógicas de prevenção e formação crítica dos estudantes?

Danilo Ornelas: A perspectiva de Paulo Freire fundamenta a defesa de uma educação libertadora e dialógica, oposta à "educação bancária" que meramente instrui. No contexto da prevenção, isso implica que o conhecimento não deve ser imposto, mas construído na "comunhão" entre educador e educando, mediatizados pelo mundo. A tecnologia, sob essa ótica, é vista como uma expressão da criatividade humana e deve ser aplicada como uma "práxis tecnológica", servindo como instrumento para a transformação social e a humanização dos sujeitos.

Territórios: Na sua experiência de pesquisa com gestores e professores, que estratégias pedagógicas se mostraram mais potentes para envolver os estudantes em discussões sobre drogas e escolhas de vida?

Danilo Ornelas: As estratégias mais eficazes transcendem os métodos repressivos e baseiam-se na escuta especializada, no estímulo à inteligência emocional e na educação para a saúde. Destacam-se o uso de recursos audiovisuais, projetos interdisciplinares, rodas de conversa e oficinas culturais (dança, música, teatro). Programas que articulam o conhecimento científico com a valorização do saber popular e das vivências comunitárias têm demonstrado maior potência para gerar engajamento e reflexão crítica entre os jovens.

Territórios: A teoria ator-rede, inspirada em Bruno Latour, aparece como referência em seu trabalho. De que maneira essa perspectiva ajuda a compreender a escola como um ecossistema de relações e aprendizagens?

Danilo Ornelas: A Teoria Ator-Rede (TAR) permite compreender a escola como um ecossistema de "coletivos híbridos", onde a aprendizagem é resultado da interação entre humanos e objetos técnicos. Objetos como quadros, computadores e até o sinal sonoro de saída não são inertes; eles possuem agência e condicionam comportamentos e significados morais dentro do ambiente escolar. Essa perspectiva ajuda o professor a perceber que o processo educativo é multifacetado e que a rede sociotécnica é o que viabiliza a circulação do conhecimento na contemporaneidade.

Territórios: Como os professores podem articular letramento crítico, produção de textos, debates e projetos interdisciplinares para discutir prevenção ao uso de drogas nas escolas?

Danilo Ornelas: Como os professores podem articular letramento crítico, produção de textos, debates e projetos interdisciplinares para discutir prevenção ao uso de drogas nas escolas? Essa articulação deve ocorrer de forma transversal no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola. Os docentes podem utilizar ferramentas de TS, como o Google Forms para pesquisas diagnósticas e o GoConqr para a criação de mapas mentais, integrando essas produções em debates sobre saúde e cidadania. A produção de materiais informativos e livretos pelos próprios alunos estimula o protagonismo juvenil, transformando-os em multiplicadores de informações em seus territórios.

Territórios: Você identifica desafios estruturais nas escolas públicas, como falta de infraestrutura tecnológica. Como os professores podem desenvolver tecnologias sociais de baixo custo, mas pedagogicamente significativas?

Danilo Ornelas: Embora a escassez de equipamentos seja um desafio real, a essência das Tecnologias Sociais é a sua adaptabilidade e baixo custo. Os professores podem desenvolver práticas significativas utilizando recursos já disponíveis na comunidade, valorizando os saberes locais e promovendo a mobilização social. Exemplos incluem a criação de redes de apoio via redes sociais acessíveis ou o uso de materiais analógicos para oficinas de artes e comunicação, sempre focando na participação coletiva como motor da aprendizagem.

Territórios: Em sua pesquisa, gestores e professores relataram experiências com tecnologias sociais. Poderia compartilhar algum exemplo de prática que tenha produzido impacto positivo na escola?

Danilo Ornelas: Muitas escolas obtiveram êxito com a implementação da "Semana de Prevenção e Educação para a Vida" e parcerias com o Projeto Fica Vivo. Outro exemplo potente são os projetos de autoria própria que criam "salas de convivência", onde são oferecidos atendimentos psicológicos em parceria com universidades e palestras interdisciplinares que conectam o tema das drogas com a valorização da vida e a autoestima dos estudantes.



TERRITÓRIOS PIBID

Uma publicação do PIBID ALFABETIZAÇÃO EAD - UFOP



Territórios: De que forma a abordagem autobiográfica e a pesquisa-ação contribuíram para compreender as experiências dos educadores envolvidos na investigação? plo de prática que tenha produzido impacto positivo na escola?

Danilo Ornelas: Essas metodologias permitiram que a investigação não fosse apenas sobre os educadores, mas com eles, respeitando sua subjetividade e o contexto de atuação "no chão da escola". A pesquisa-ação possibilitou diagnosticar a realidade escolar a partir das vozes de quem implementa as políticas educacionais, gerando dados que refletem as tensões, dificuldades e potencialidades vivenciadas durante o processo educativo, especialmente no período desafiador da pandemia..

Territórios: Pensando nos estudantes da educação básica, como transformar temas sensíveis como drogas em oportunidades de aprendizagem, diálogo e formação cidadã?

Danilo Ornelas: É necessário romper com o silêncio e tratar o tema sob uma ótica multidisciplinar e comunitária, afastando-se de visões puramente individualistas. A escola deve ser configurada como um território de cuidado e proteção, onde a informação científica e o diálogo franco permitam aos jovens desenvolver habilidades para resistir a pressões externas e fazer escolhas conscientes. Transformar vulnerabilidade em cidadania exige que o tema das drogas seja pautado pela defesa da vida e pelo fortalecimento dos vínculos sociais.

Territórios: Que conselhos você daria aos bolsistas do PIBID que estão iniciando sua trajetória docente e desejam desenvolver projetos pedagógicos relacionados à prevenção e à promoção da saúde?

Danilo Ornelas: conselho fundamental é o investimento na intersetorialidade e na territorialidade. Não tentem realizar a prevenção isoladamente; busquem articular a escola com a rede de saúde (SUS), de assistência social (SUAS) e com a universidade. Além disso, conheçam profundamente o território onde a escola está inserida para que as ações façam sentido para a realidade de vida dos alunos. Acreditem no potencial da educação humanizadora como a ferramenta mais eficaz para a mitigação das violências sociais.

Contato para os nossos leitores:

Danilo Ornelas de Souza

E-mail: danilo.ornelas@educacao.mg.gov.br;

daniloornelasdesouza@gmail.com; daniloos@ufmg.br.

Instagram: danilo_ornelass

Territórios: Para finalizar, como você imagina que as escolas podem fortalecer uma cultura de letramento crítico, participação e cuidado coletivo, contribuindo para que os estudantes se tornem protagonistas de suas escolhas e de sua aprendizagem?

Danilo Ornelas: O fortalecimento dessa cultura ocorre quando a escola deixa de ser uma mera transmissora de conteúdos e passa a ser uma rede de convergência e corresponsabilidade. Isso se concretiza através da inclusão efetiva das famílias no processo educativo e da valorização da voz dos estudantes. Quando as Tecnologias Sociais são integradas ao cotidiano escolar para resolver problemas reais e promover o empoderamento comunitário, o estudante deixa de ser um espectador passivo e assume o protagonismo de sua própria história e aprendizagem.



No Brasil existem telefones gratuitos de orientação e ajuda para pessoas que usam drogas, familiares e professores que precisam de informação. Os principais são:

1. DISQUE 132 – orientação sobre drogas

Atendimento gratuito e sigiloso; funciona 24 horas por dia; Oferece orientação sobre uso de drogas, prevenção e tratamento; indica locais de atendimento e apoio na sua cidade; quem atende são profissionais da área da saúde, educação e assistência social. A pessoa não precisa se identificar.

2. DISQUE 136 – Disque Saúde (Ministério da Saúde)

Informações sobre serviços do SUS; orientação sobre saúde mental, álcool e outras drogas; indicação de CAPS (Centros de Atenção Psicossocial) próximos.

3. DISQUE 188 – Centro de Valorização da Vida (apoio emocional)

Apoio emocional e prevenção do suicídio; atendimento 24h e gratuito; pode ajudar pessoas que usam drogas e estão em sofrimento emocional.

4. CAPS AD (Centros de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas)

Não é um telefone único nacional, mas são serviços públicos do SUS presentes em muitas cidades. Eles oferecem: acompanhamento psicológico; atendimento médico; grupos terapêuticos; apoio à família. Você pode descobrir o CAPS mais próximo ligando 136.



TERRITÓRIOS PIBID

Uma publicação do PIBID ALFABETIZAÇÃO EAD - UFOP

ATENÇÃO!



IV ENLIC SUDESTE
IV ENCONTRO REGIONAL DE LICENCIATURAS DO SUDESTE

EVENTO HÍBRIDO

Transmissão de apresentação dos trabalhos orais

Formação Docente – Desafios constantes e diálogos com a Educação Básica

24, 25 e 26 de novembro de 2026

Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP



IV Encontro Regional de Licenciaturas do Sudeste
24/11/2026 – 26/11/2026 – 08:00 – 20:00 GMT-3
Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP – Ouro Preto – Minas Gerais – Brasil
Com transmissão online

O VI ENLIC Sudeste – Encontro Regional de Licenciaturas/PIBID e Formação Docente do Sudeste é um espaço de diálogo, reflexão e construção coletiva sobre a formação de professores no Brasil. Realizado de forma híbrida, na cidade histórica de Ouro Preto/MG, o evento reúne estudantes, docentes, pesquisadores, coordenadores de cursos de licenciatura, pibidianos e gestores educacionais da região Sudeste para discutir os desafios contemporâneos da formação docente e sua relação com a educação básica. Com o tema: Formação Docente – Desafios constantes e diálogos com a Educação Básica, o ENLIC propõe fortalecer a articulação entre universidades, redes de ensino e políticas públicas educacionais, promovendo a troca de experiências, pesquisas e práticas pedagógicas desenvolvidas nas licenciaturas e no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

Mais do que um encontro acadêmico, o ENLIC se consolida como um espaço estratégico de construção coletiva, que valoriza a formação inicial e continuada de professores, incentiva o pensamento crítico sobre a prática docente e fortalece redes de colaboração entre instituições de ensino superior e educação básica.

Os trabalhos aprovados e apresentados no evento serão publicados nos Anais, contribuindo para a disseminação do conhecimento e o fortalecimento da produção acadêmica na área da educação.

INSCRIÇÕES: <https://www.even3.com.br/iv-encontro-regional-de-licenciaturas-do-sudeste-705538/>

Vamos?





LENDO O MUNDO PARA LER AS PALAVRAS: VIVÊNCIAS DO PIBID ALFABETIZAÇÃO NA EJA

Regina Magna Bonifácio de Araújo

(Coordenadora do Núcleo PIBID-Alfabetização - DEEDU/UFOP)

O PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) voltado para a Alfabetização na EJA (Educação de Jovens e Adultos) é uma estratégia essencial para a formação de novos professores/as. Ele une a prática acadêmica ao desafio real de ensinar jovens, adultos e idosos que não tiveram acesso à escola na idade convencional ou que não concluíram seus estudos. Diferente da alfabetização infantil, a EJA exige uma abordagem diferenciada, onde a experiência de vida do aluno é o ponto de partida.

Alguns pilares desse Programa na UFOP se constituem como eixos centrais: o respeito à trajetória pessoal e cultural de cada aluno/a, pois eles/elas já possuem um vasto repertório de mundo. Alfabetizar não é "preencher um vazio", mas dar ferramentas para que esses alunos/as sistematizem o que já vive. Outro eixo refere-se à funcionalidade da escrita, ou seja, o nosso foco é no letramento social. Aprender a ler um letreiro de ônibus, uma conta de luz ou uma mensagem no WhatsApp é tão importante quanto o domínio do alfabeto.

E por fim, temos como eixo combater à infantilização e este é um erro muito comum. Materiais com desenhos infantis ou linguagem infantilizado desmotivam o aluno adulto. Ao atuar nessa área, o/a graduando/a em Pedagogia desenvolve competências específicas como o diagnóstico inicial ao identificar os níveis de escrita (pré-silábico, silábico, etc.) respeitando o ritmo biológico e o cansaço do aluno que, muitas vezes, chega da jornada de trabalho. Também se envolve num planejamento participativo na criação de aulas que façam sentido para a realidade dos alunos/as em sala de aula. Outro aspecto que aprimoramos com este trabalho é o da afetividade e escuta atenta. Muitos alunos/as trazem traumas escolares de infância. O bolsista atua como um mediador que reconstrói a autoconfiança desse estudante.

Nossos objetivos são promover a alfabetização e o letramento a partir de temas geradores da realidade dos alunos; desenvolver a percepção fonológica através de palavras do cotidiano laboral e resgatar a autoestima do estudante frente ao processo de aprendizagem. E para isto atuamos em duas escolas, no município de Mariana -MG: Centro de Educação Municipal Padre Avelar (CEMPA) e Escola Municipal Monsenhor José Cota. Na sequência, apresentamos nossas experiências na voz dos pibidianos/as.

Na Escola Municipal Monsenhor José Cota, uma vez por semana, os alunos/as são divididos em grupos, para um atendimento mais individualizado. O nível 1 é composto por três estudantes da turma de EJA (alfabetização) e três integrantes do subprojeto (Ruan, Tatiana e Seu Elói). Utilizamos o Método de Paulo Freire para alfabetizar esse pequeno grupo que estão pré-silábicos e demandam uma maior atenção. Iniciamos com o tema gerador "Casa" a partir de conversas observadas em sala de aula e introduzimos com o poema "A Casa" (Vinícius de Moraes) e com uma imagem. Com isso, repercutimos diversos debates como os altos preços de aluguéis em Mariana-MG (e quais os principais fatores), as ocupações (buscando diferenciar da palavra "invasão"), moradia como um direito do cidadão e não um luxo (a partir da reflexão em relação aos moradores de rua e os abrigos), entre outros aspectos observados e trazidos tanto por parte dos articuladores/pibidianos como dos estudantes. Com isto trabalhamos as duas famílias silábicas da palavra principal, que são a do C e do S, permitindo com que pudessem criar novas palavras a partir delas. Dessa forma, enxergamos que essa iniciativa é um esforço que exige dedicação, problematização das nossas realidades e um olhar atento às possibilidades de ensino-aprendizagem (Ruan, Tatiana e Elói).



Fonte: acervo pessoal



TERRITÓRIOS PIBID

Uma publicação do PIBID ALFABETIZAÇÃO EAD - UFOP

Sou a Rafaela, pibidiana da EJA Alfabetização, e ao longo desse um ano e meio venho desenvolvendo, junto aos educandos, não apenas projetos pedagógicos, mas também laços afetivos muito significativos. Ao lado de Leticia e Eloi, desenvolvi o “Projeto Correspondência”, trabalhando com a turma o gênero textual carta, explorando a escrita, a leitura e a comunicação de experiências e sentimentos através das trocas de correspondências. Atualmente, junto de Alessandra, acompanho um grupo específico da turma (Nível 2), com 4 alunos, em atividades voltadas para interpretação de texto, oralidade, escrita e alfabetização a partir de palavras geradoras presentes no cotidiano dos próprios estudantes. Dentro das atividades, os alunos do nível 2 estão aprofundando o processo de aprendizagem das sílabas complexas, o que resultou em propostas pedagógicas voltadas, por exemplo, para o estudo de sílabas complexas como 'X', "CH" e “Q”, onde suas variações sonoras e silábicas fazem uma articulação entre leitura e escrita. Desenvolvemos diferentes produções e interpretações textuais, incentivando a leitura coletiva, a escuta e a expressão oral dos estudantes, valorizando suas vivências e repertórios. A vantagem de ter essa autonomia de desenvolver atividades com um grupo específico de alunos é a liberdade de criatividade que podemos exercer sobre eles e com eles também. Saíndo do óbvio de alfabetização, trazendo a realidade de cada um para dentro de sala de aula e enriquecendo ainda mais seus saberes. Não são somente eles que saem aprendendo, o ensino com a EJA é mútuo e recíproco.

O projeto “O Quintal da Minha Casa” proporcionou aos alunos da EJA momentos de partilha, acolhimento e valorização de suas histórias de vida. Durante as atividades, os estudantes compartilharam conhecimentos sobre plantio, cuidados com a família, costumes e memórias afetivas, fortalecendo vínculos e aprendizagens coletivas. Por meio de desenhos e registros nos Tehêy[1], os alunos puderam refletir sobre suas experiências e resgatar lembranças importantes. A participação de Dona Liça Pataxoop, professora indígena da UFMG, trouxe representatividade e motivação aos estudantes, destacando a valorização dos saberes populares e da educação emancipatória, conceito muito presente nas ideias de Paulo Freire. A visita ao sítio também contribuiu para a troca de conhecimentos práticos e culturais, tornando a aprendizagem mais significativa e conectada à realidade dos alunos (Alessandra).

[1]O Tehêy (ou Têhêy) é um instrumento tradicional de pesca do povo Pataxoop, tecidos com corda de tucum e cipó, transformado pela educadora Dona Liça Pataxoop em uma metodologia pedagógica intercultural. Ele representa uma "pescaria de conhecimentos", usada para ensinar valores, memórias, sustentabilidade e identidade indígena, servindo como "escrita" e imagem da vida na aldeia.



Fonte: acervo pessoal





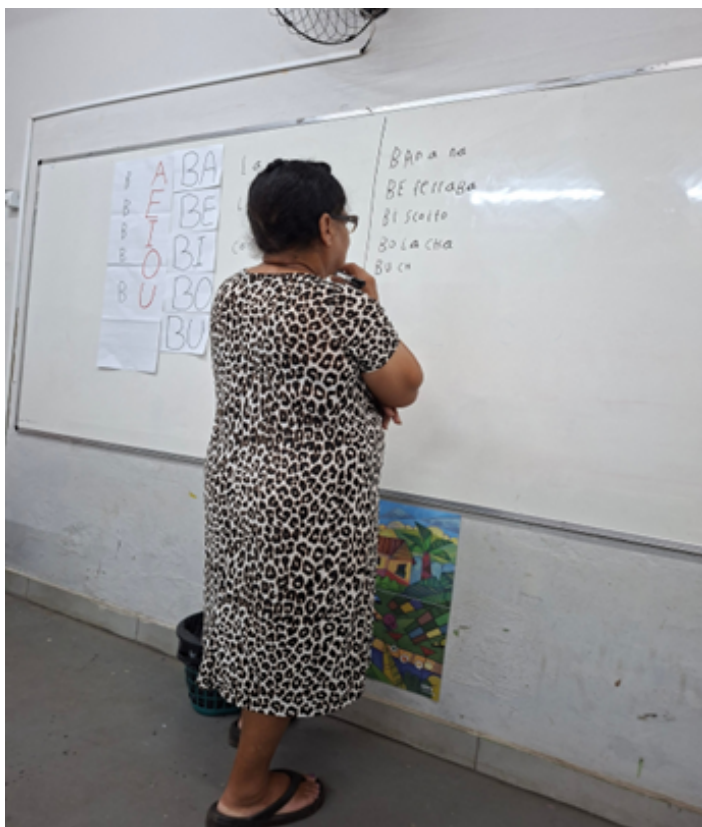
TERRITÓRIOS PIBID

Uma publicação do PIBID ALFABETIZAÇÃO EAD - UFOP

A escolha da obra “Quarto de Despejo” como eixo de trabalho na Educação de Jovens e Adultos fundamenta-se em seu potencial para promover práticas de letramento articuladas às experiências sociais e subjetivas dos sujeitos. A escrita em forma de diário possibilita o contato com diferentes modos de narrar a realidade, favorecendo discussões sobre linguagem, autoria, memória e desigualdade social. Desde as primeiras etapas da proposta, mesmo sem a leitura integral da obra, os estudantes evidenciaram engajamento progressivo e reconhecimento da escrita como prática social.

As produções textuais desenvolvidas ao longo das aulas — entre elas diários, relatos, memórias e biografias — evidenciam que a aproximação com a obra favoreceu processos de autoria e maior envolvimento dos estudantes com a escrita. Muitos estabeleceram relações entre suas trajetórias de vida e a experiência narrada por Carolina Maria de Jesus, especialmente no que se refere às experiências de exclusão escolar e social. Nesse sentido, o projeto busca não apenas a formação de leitores, mas também incentivar a escrita como possibilidade de elaboração das próprias experiências, ampliando a relação dos estudantes com a produção textual e com suas possibilidades de expressão (Letícia e Tino).

No CEMPA, experiências vivenciadas nesse período possibilitaram a construção de práticas educativas, buscando valorizar as vivências, os conhecimentos prévios e as necessidades de aprendizagem dos alunos. Dentre as ações desenvolvidas destaca-se o projeto “Entre nostalgia, canções e palavras: reconectando emoções e experiências na Educação de Jovens e Adultos”, desenvolvido pela pibidiana Yasmim Esteves. O projeto teve como objetivo promover uma aprendizagem mais significativa por meio da valorização das memórias, histórias de vida e experiências afetivas dos estudantes. Inspirado nos princípios de Paulo Freire, o trabalho utilizou receitas, cartas e músicas como ferramentas pedagógicas para estimular a leitura, a escrita, a oralidade e a expressão de sentimentos. Durante as atividades, os alunos participaram da construção coletiva de receitas, compartilharam lembranças por meio da escrita de cartas e interagiram através da música, fortalecendo vínculos, afetividade e participação nas aulas. As ações desenvolvidas despertaram maior interesse pela leitura e escrita, além de promoverem a valorização das trajetórias pessoais e do protagonismo dos estudantes no ambiente escolar.



Fonte: acervo pessoal



Fonte: acervo pessoal

Outro projeto desenvolvido no CEMPA foi “Jogos Pedagógicos de Estímulo à Memorização na Alfabetização de Jovens e Adultos”. Desenvolvido por Ana Clara Pereira, Ana Carolina da Encarnação e Claudinéia Sirino. O projeto teve como objetivo compreender e contribuir para a memorização no desenvolvimento da alfabetização dos estudantes da EJA.



TERRITÓRIOS PIBID

Uma publicação do PIBID ALFABETIZAÇÃO EAD - UFOP

No início deste ano letivo, fomos informados de que a modalidade EJA seria encerrada no CEMPA. Diante dessa situação, reunimo-nos com a equipe pedagógica da escola para discutir estratégias que possibilitaram aos alunos continuar avançando no processo de aprendizagem, principalmente na leitura, considerada um dos maiores desejo, talvez um sonho na verdade, de todos ao retornarem à escola.

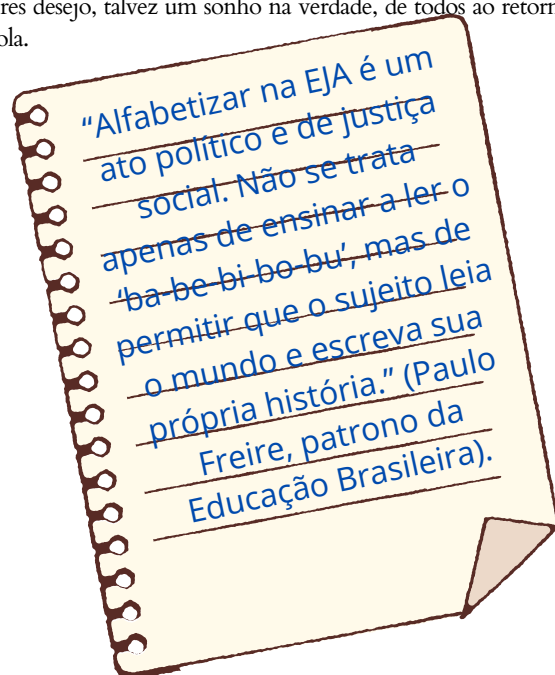
Após diálogo com a pedagoga, a coordenadora do Pibid e a professora regente, definimos que seria realizado um reforço semanal com os alunos que apresentavam maiores dificuldades na leitura e escrita. Os encontros acontecem em uma sala separada, proporcionando um atendimento mais direcionado às necessidades de cada aluno. Inicialmente, foi aplicada uma avaliação diagnóstica para identificar as dificuldades e potencialidades dos estudantes, permitindo um melhor planejamento das atividades seguintes. No primeiro encontro realizamos uma revisão das sílabas, incentivando a leitura e o reconhecimento silábico. Posteriormente, desenvolvemos uma atividade com recortes de jornal da cidade de Mariana, na qual os alunos deveriam identificar, recortar e organizar sílabas para formar palavras, colando-as posteriormente no caderno.

Além do reforço com alguns alunos, temos também, o projeto “Aprendendo na Prática: Leitura e Escrita no Cotidiano em Espaços Comerciais na EJA” que está em andamento. A proposta é relacionar os conteúdos escolares às situações presentes no cotidiano dos alunos em espaços como farmácias, mercados, dentre outros. O projeto busca trabalhar habilidades de leitura, escrita e matemática básica a partir de experiências nesses espaços, permitindo que os estudantes tenham maior contato com práticas do dia a dia. A principal finalidade do projeto é contribuir para o desenvolvimento da autonomia, da confiança e da participação social dos estudantes, tornando o processo de aprendizagem mais significativo a partir das vivências. Além disso, pretende-se estimular o interesse pela leitura e escrita em contextos reais, ampliar a compreensão de informações simples, como preços, rótulos e promoções, e fortalecer a capacidade dos alunos de utilizarem esses conhecimentos em diferentes situações cotidianas.

Pibidianos/as do CEMPA:	Pibidianos/as da
Ana Clara Ribeiro da Conceição	Escola Municipal Monsenhor
Ana Carolina da Encarnação	José Cota:
Claudineia Sirino Alves	Alessandra S. Coelho
Flávia A. da Silva	Eloi Martins de Melo
Nicolý Cândida Silva	Leticia Flores
Shirlei Aparecida Ferreira	Rafaela Cristina Cavassani Silva
Yasmim Esteves de Oliveira	Ruan Augusto Januário Teixeira
	Tatiana Aparecida Feitosa
	Tino Medi

Nota: na Escola Municipal Monsenhor José Cota, temos um projeto Pibid pós-Alfabetização que está sob a coordenação da profª Fernanda Silva.

No início deste ano letivo, fomos informados de que a modalidade EJA seria encerrada no CEMPA. Diante dessa situação, reunimo-nos com a equipe pedagógica da escola para discutir estratégias que possibilitaram aos alunos continuar avançando no processo de aprendizagem, principalmente na leitura, considerada um dos maiores desejo, talvez um sonho na verdade, de todos ao retornarem à escola.



Equipe:

Regina Magna Bonifácio de Araújo (Coordenadora do Núcleo PIBID-Alfabetização)

Rosimeire Rosa da Silva (Supervisora na Escola CEMPA)

Wilma Machado Bento (Supervisora da Escola Municipal Monsenhor José Cota)



Oficina “O que é o Método Paulo Freire de Alfabetização”
Fonte: acervo pessoal



TERRITÓRIOS PIBID

Uma publicação do PIBID ALFABETIZAÇÃO EAD - UFOP



ESSA ESCOLA TEM PIBID ALFABETIZAÇÃO EAD! ESCOLA MUNICIPAL MONTEIRO LOBATO JOÃO MONLEVADE

Cláudia Ferreira Fonseca de Castro - Supervisora PIBID

A Escola Municipal Monteiro Lobato foi criada pela Lei nº 1.094 de 26 de dezembro de 1991 e autorizada a funcionar pela Portaria 805/92, publicada no MG de 05/09/92, correspondendo à necessidade manifestada pela própria comunidade, que solicitou uma escola na região devido ao número expressivo de crianças no bairro Novo Cruzeiro e adjacências. Atende alunos na Educação Infantil (1º e 2º períodos) e no Ensino Fundamental – Anos Iniciais (1º ao 5º ano) e está localizada na Rua Nova York, 1.397, bairro Novo Cruzeiro, em João Monlevade. Tem como entidade mantenedora a Prefeitura Municipal de João Monlevade; a 24ª SRE de Nova Era como órgão circunscrito; e está submetida às diretrizes e normas previstas na legislação específica, mais precisamente à Lei Federal 9.394/96, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

Em 2026, conta com 684 alunos, distribuídos em 30 turmas nos turnos matutino e vespertino, e um quadro de 97 funcionários.

A diretora, Dulcineia Maria Martins, e a vice-diretora, Heverlayne Bretas Guimarães Bicalho Vieira, são professoras da escola e eleitas mediante processo de votação, atuando desde 2023.

Em 2026, conta com 684 alunos, distribuídos em 30 turmas nos turnos matutino e vespertino, e um quadro de 97 funcionários. A diretora, Dulcineia Maria Martins, e a vice-diretora, Heverlayne Bretas Guimarães Bicalho Vieira, são professoras da escola e eleitas mediante processo de votação, atuando desde 2023.

A Escola Municipal Monteiro Lobato atende ao bairro Novo Cruzeiro e seus adjacentes (Nova Monlevade, Corumbiara de Vanessa, Planalto, Estrela Dalva, Petrópolis, Teresópolis, Cruzeiro Celeste), região caracterizada como classe média baixa, composta de famílias trabalhadoras que valorizam a educação.

Localiza-se em uma área de grande vulnerabilidade social, onde a maior parte dos alunos se encontra na faixa de renda mínima e necessita de benefícios do governo (Bolsa Família) para complementação.

As principais opções de lazer na região da escola são: igrejas, casa de parentes, quadra esportiva do bairro, parquinhos de praças e a própria rua.

Alguns alunos convivem em ambientes de extrema vulnerabilidade, sujeitos à violência, sendo que parte deles frequenta instituições de apoio social. Observa-se, ainda, que muitas famílias são sustentadas apenas pelas mães, e outras são sustentadas pelos avós.

A escola adota a concepção sociointeracionista, que considera o processo de construção do conhecimento de forma interativa a partir de relações intra e interpessoais, uma vez que, na troca com os outros sujeitos, vão se internalizando conhecimentos, papéis e funções sociais. Entre os projetos realizados, podemos citar a Sessão Simultânea de Leitura, o Literarte (feira de cultura e arte), a Intervenção, a Partilha, a Cultura Afro-brasileira e diversos outros projetos propostos e executados em parceria com a ArcelorMittal.

No contexto das atividades desenvolvidas pelo PIBID, iniciadas em 2025, as ações foram realizadas com turmas do 2º ano do Ensino Fundamental, em momentos de intervenções pedagógicas voltadas para a alfabetização e o letramento. As turmas eram organizadas em níveis de hipóteses de escrita, possibilitando um trabalho mais direcionado às necessidades dos alunos, com uso de diferentes gêneros textuais. Além disso, foram desenvolvidas pelas pibidianas atividades lúdicas e interativas com o objetivo de apoiar o processo de alfabetização em desenvolvimento.

Assim, evidenciamos ao longo do ano o avanço das hipóteses de escrita dos alunos, que se empenharam em seu próprio desenvolvimento e que ficaram cada vez mais motivados à medida que percebiam suas conquistas. A importância do PIBID se revela nesses momentos em que crianças e bolsistas se apoiam para construir o conhecimento juntas. Nada substitui a oportunidade de olhar atentamente para uma criança para compreender seu processo de aprendizagem e, apoiadas pela supervisora e professoras, entender nosso papel de mediadoras do conhecimento. Além disso, vivenciar a rotina da sala de aula observando a interação da professora regente com os estudantes nos trouxe um valioso aprendizado no que tange à didática, ao domínio de disciplinas e à dinâmica da aula, mas principalmente no que diz respeito ao papel humano do professor.

Supervisora: Cláudia Ferreira Fonseca de Castro

Bolsistas: Ana Carolina Braga Rodrigues, Raquel Cristina Fernandes, Paola Vitória Faustino da Silva, Aline Cristiane Paulo da Silveira, Ana Paula Gomes, Ana Paula Ferreira Pereira, Alice Mário Inácio Alexandre, Tatiana Lopes de Menezes.



Arquivo pessoal



TERRITÓRIOS PIBID

Uma publicação do PIBID ALFABETIZAÇÃO EAD - UFOP

ESSA ESCOLA TEM PIBID ALFABETIZAÇÃO EAD!

ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR JONHSEN TRÊS MARIAS

Silmara Eneida Carvalho da Silva- Supervisora PIBID

A Escola Municipal Professor Johnsen, localizada no município de Três Marias, é um espaço de aprendizagem, acolhimento e transformação social. Inserida em uma comunidade diversa, a escola desempenha um papel fundamental na formação de estudantes críticos, participativos e conscientes de seu lugar na sociedade.

Ao longo de sua trajetória, a instituição tem prezado pelo compromisso com uma educação pública de qualidade, buscando constantemente inovar suas práticas pedagógicas e fortalecer os vínculos com as famílias e com a comunidade. O ambiente escolar é construído diariamente com base no respeito, na escuta e na valorização das experiências de cada estudante, reconhecendo-os como sujeitos ativos no processo de aprendizagem.

No cotidiano escolar, são desenvolvidos projetos que vão além dos conteúdos curriculares, como projetos interdisciplinares, rodas de conversa, atividades culturais e práticas voltadas ao desenvolvimento socioemocional, que fazem parte da rotina, contribuindo para a formação integral dos alunos. Além disso, a escola trabalha temas relevantes como diversidade, inclusão, sustentabilidade e cidadania, preparando os estudantes para os desafios do mundo contemporâneo e buscando associar os temas à realidade dos alunos.

A participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) tem sido extremamente significativa para a escola. A presença das bolsistas contribui para o fortalecimento das práticas pedagógicas ao trazer novas metodologias, criatividade e um olhar atento às necessidades dos alunos, desenvolvendo atividades focadas em suprir suas principais dificuldades de aprendizagem. Os projetos desenvolvidos em parceria entre supervisora e bolsistas tornam as aulas mais dinâmicas, lúdicas e significativas, favorecendo o processo de ensino e aprendizagem.

Além disso, o PIBID proporciona às bolsistas uma vivência concreta da realidade escolar, aproximando teoria e prática. Esse contato direto com o cotidiano da sala de aula contribui para a formação de futuras professoras mais preparadas, sensíveis e comprometidas com a educação.

Mesmo diante dos desafios da educação pública, a Escola Municipal Professor Johnsen segue firme em sua missão de ensinar e transformar vidas. Acreditamos no potencial de cada aluno e na força do trabalho coletivo. É nesse movimento constante de construção, troca e aprendizado que seguimos fortalecendo nossa identidade e reafirmando nosso compromisso com uma educação humanizada e de qualidade.



Fonte: acervo pessoal

Supervisora: Silmara Eneida Carvalho da Silva

Bolsistas:

Ana Clara dos Santos Moreira
Edilene Rodrigues de Lima
Janaine das Graças Carvalho Barbosa
Juliana Batista da Silva
Júly Caroline Neves Pimentel
Kelly Cristina Rosa Pinto
Tatiane Romão Soeiro



TERRITÓRIOS PIBID

Uma publicação do PIBID ALFABETIZAÇÃO EAD - UFOP

ESSA ESCOLA TEM PIBID ALFABETIZAÇÃO EAD! ESCOLA MUNICIPAL JAIR NORONHA/CEI MARIA DUTRA FRANCO CONSELHEIRO LAFAIETE

Cláudia Aparecida de Andrade - Supervisora PIBID

A Escola Municipal Jair Noronha, em Conselheiro Lafaiete (MG), foi fundada há mais de 40 anos e se consolidou como uma instituição pública de referência na educação infantil e fundamental da cidade. Reconhecida por sua infraestrutura inclusiva e projetos comunitários, ela desempenha papel central na formação de crianças e jovens da região.

Está situada no bairro Moinhos. Ao longo das décadas, ampliou sua estrutura para incluir creche, pré-escola e ensino fundamental (anos iniciais e finais). O nome da escola é uma homenagem ao vereador Jair Noronha, que muito contribuiu com a comunidade escolar.

Atividades e projetos:

- Hora Cívica: eventos que promovem valores de cidadania e respeito.
- PIBID - Alfabetização (EAD)
- Proerd
- Oba Olimpíada Brasileira de Astronomia
- Eventos sociais com a comunidade
- Projeto Renascer de Ed. AMBIENTAL entre outros...

O PIBID na Escola Municipal Jair Noronha, em Conselheiro Lafaiete, tem sido um destaque importante na formação de futuros professores e no apoio ao aprendizado das crianças, especialmente em projetos voltados para leitura e escrita.

Em 2025, o projeto desenvolvido em parceria com a UFOP recebeu o Prêmio Destaque na Mostra PIBID, reconhecendo sua relevância pedagógica.

Supervisora : Cláudia Aparecida de Andrade

Bolsistas:

Thaís Andrade de Campos
Giovanna Tayller Rodrigues de Oliveira
Joyce Maria do Nascimento
Stéphanny Lorrana da Costa
Marli das Graças Pereira
Ana Beatriz de Carvalho
Luiza Alves



Em 2025, o projeto desenvolvido em parceria com a UFOP recebeu o Prêmio Destaque na Mostra PIBID, reconhecendo sua relevância pedagógica.



Fonte: acervo pessoal Cláudia Andrade

Fonte: acervo pessoal Cláudia Andrade



TERRITÓRIOS PIBID

Uma publicação do PIBID ALFABETIZAÇÃO EAD - UFOP

COMO ME TORNEI PROFESSORA? A supervisora PIBID, Cláudia Andrade, conta!



Fonte: acervo pessoal Cláudia Andrade

Desde muito cedo, eu, Cláudia Andrade, sempre tive interesse em ensinar e ajudar outras pessoas a aprender. Ao longo da minha trajetória, fui percebendo que a educação era o caminho que eu queria seguir. Com dedicação e esforço, busquei minha formação e enfrentei desafios que fortaleceram ainda mais minha vontade de ser professora. Ao iniciar minha carreira em 1995, descobri que ensinar vai muito além de transmitir conteúdos: é acolher, compreender cada aluno e buscar formas diferentes de ajudar no aprendizado.

Com o tempo, fui adquirindo experiência e aprendendo todos os dias dentro da sala de aula. E tenho orgulho de ter me tornado professora, pois sei da importância do meu papel na formação das crianças. Ser professora é contribuir para um futuro melhor, com mais conhecimento, respeito e oportunidades para todos.

Minha experiência como professora na Escola Municipal Jair Noronha, desde 2007, foi marcada por desafios e aprendizados significativos. Trabalhei com turmas do ensino infantil e fundamental, buscando desenvolver práticas pedagógicas que estimulassem o pensamento crítico e a participação dos alunos.

“...desde muito cedo, eu (...) sempre tive interesse em ensinar e ajudar outras pessoas a aprender...”

Atuo como professora supervisora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) na Escola Municipal Jair Noronha, acompanhando e orientando licenciandos no desenvolvimento de práticas pedagógicas desde abril de 2025. Durante esse período, coordenei um projeto educacional que obteve destaque e premiação, voltado para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem e o engajamento dos alunos.

Desenvolvi atividades de planejamento, acompanhamento em sala de aula, formação de futuros docentes e articulação entre teoria e prática, contribuindo para a inovação pedagógica na escola.

“...ao iniciar minha carreira em 1995, descobri que ensinar vai muito além de transmitir conteúdos: é acolher, compreender cada aluno e buscar formas diferentes de ajudar no aprendizado.”

Cláudia Andrade é supervisora PIBID/ alfabetização - EAD da EM Jair Noronha, no município de Conselheiro Lafaiete - MG



TERRITÓRIOS PIBID

Uma publicação do PIBID ALFABETIZAÇÃO EAD - UFOP

Fala, bolsista!

Giovanna Tayller Rodrigues de Oliveira

Bolsista PIBID-Alfabetização EAD
Cnselheiro Lafaiete

Minha primeira participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) ocorreu em 2020, durante minha graduação presencial em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Naquele momento, eu já compreendia a importância do contato com o ambiente escolar e da articulação entre teoria e prática como elementos fundamentais para a formação docente. Buscava, desde então, orientar minha trajetória formativa nesse sentido, entendendo essa integração como a verdadeira práxis capaz de me constituir como a melhor profissional que eu poderia ser. Entretanto, o contexto pandêmico impôs desafios significativos às experiências formativas. As atividades do PIBID, naquele período, concentraram-se no acompanhamento remoto do trabalho das professoras da educação básica, que também estavam adaptando suas práticas ao ensino remoto. Ainda assim, a experiência foi extremamente enriquecedora, sobretudo pelo aprofundamento teórico que me proporcionou. Tive acesso a importantes referenciais da educação e dos processos de alfabetização e letramento, especialmente às contribuições de estudiosos como Magda Soares e Artur Gomes de Morais, o que ampliou significativamente minha compreensão sobre o campo.

Por circunstâncias pessoais, precisei me mudar de cidade e reiniciar o curso de Pedagogia, desta vez na modalidade a distância, na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), pela Universidade Aberta do Brasil (UAB). Nesse novo contexto, a oportunidade de retornar ao PIBID surgiu como um caminho para retomar o contato com o ambiente escolar e fortalecer os vínculos com colegas em formação, além de estreitar a relação com professoras orientadoras e supervisoras, figuras que eu já reconhecia como fundamentais no processo de constituição docente.

Nessa segunda experiência, tanto o programa quanto eu já éramos outros. Eu me reencontrei com o PIBID no final de 2024, trazendo novas perspectivas e compreensões sobre alfabetização e letramento, construídas ao longo da minha trajetória acadêmica. Esse repertório me permitiu não apenas observar a prática pedagógica no contexto escolar, mas compreender, de forma mais aprofundada, o diálogo entre teoria e prática. Passei a me perceber em uma posição que possibilitava analisar os processos educativos de maneira crítica, sensível e comprometida, o que me permitiu também intervir, refletir e contribuir de forma significativa para o contexto escolar e para a formação coletiva.

PIBID não representa apenas o início da minha trajetória docente, mas também seu meio e uma base sólida para o que pretendo construir ao longo de toda a minha carreira: uma práxis comprometida, reflexiva e transformadora.

Foi nesse percurso que compreendi que minha maior inclinação está na pesquisa, na escrita e na análise crítica da realidade educacional. Mais do que assimilar conhecimentos, percebi a necessidade, e o compromisso, de produzir saberes, assumindo uma postura ativa na construção do conhecimento. Inspirada por trajetórias como a de Magda Soares, passei a compreender a produção do conhecimento como um movimento indissociável entre reflexão teórica e vivência prática no contexto escolar. Essa compreensão orienta meu desejo de desenvolver uma produção crítica, sistemática e comprometida com a realidade educacional, articulando teoria, técnica e prática, tendo o estudante como ponto de partida, eixo central e finalidade do processo educativo.

Nesse sentido, o PIBID não representa apenas o início da minha trajetória docente, mas também seu meio e uma base sólida para o que pretendo construir ao longo de toda a minha carreira: uma práxis comprometida, reflexiva e transformadora.



Fonte: acervo pessoal



TERRITÓRIOS PIBID

Uma publicação do PIBID ALFABETIZAÇÃO EAD - UFOP



O QUE MUDA NA EDUCAÇÃO QUANDO A ESCRITA SE TORNA (também) DIGITAL?

Gláucia Maria dos Santos Jorge

Quando escrevemos, eu e Daniel Mill, o texto “Sociedades grafocêntricas digitais e educação: sobre letramento, cognição e processos de inclusão na contemporaneidade”, publicado em 2012 no livro *Escritos sobre educação: desafios e possibilidades para ensinar e aprender com as tecnologias emergentes*, nosso objetivo era compreender um movimento que já se tornava evidente: a forma como as tecnologias digitais estavam transformando profundamente nossas maneiras de ler, escrever, pensar e aprender.

Naquele momento, partíamos de uma pergunta que ainda hoje considero fundamental: o que acontece com a educação quando a escrita passa a circular intensamente em ambientes digitais? Durante muito tempo, as sociedades foram marcadas por diferentes formas de organização do conhecimento. Primeiro, predominou a oralidade. Depois, com a expansão da escrita e da cultura impressa, consolidaram-se as chamadas sociedades grafocêntricas, nas quais o domínio da leitura e da escrita se tornou condição essencial para a participação social.

O que observávamos, porém, era o surgimento de uma nova etapa: as sociedades grafocêntricas digitais. A escrita não desapareceu, ao contrário. Ela se multiplicou. Passou a circular em redes, plataformas, telas e dispositivos móveis. As pessoas passaram a escrever mais, a ler mais e a interagir textualmente de maneiras antes inimagináveis. Comentários, mensagens, postagens, hipertextos e imagens acompanhadas de texto passaram a compor um novo ecossistema comunicativo.

Essa transformação, naturalmente, não é apenas tecnológica. Ela é também cognitiva e cultural. As formas de organizar a informação, acessar o conhecimento e construir sentidos se ampliaram. Ler na cultura digital envolve navegar, selecionar informações, relacionar diferentes linguagens e lidar com múltiplas fontes ao mesmo tempo. Escrever, por sua vez, passou a significar também dialogar, compartilhar e participar de redes de produção coletiva de conhecimento.

Foi nesse contexto que discutimos, no artigo, a necessidade de repensar o próprio conceito de letramento. Não se trata apenas de saber decodificar textos ou dominar a escrita alfabética. Trata-se de compreender as práticas sociais de leitura e escrita que se desenvolvem em diferentes ambientes, inclusive nos digitais. Por isso defendíamos, e continuo defendendo, que a educação precisa olhar para essas transformações com atenção crítica e abertura pedagógica.

Outro ponto que nos preocupava, e que continua extremamente atual, é a questão da inclusão. A presença crescente das tecnologias digitais na vida social cria novas oportunidades de acesso ao conhecimento, mas também pode aprofundar desigualdades quando esse acesso é limitado ou quando as pessoas não têm oportunidade de desenvolver as competências necessárias para participar plenamente da cultura digital. Nesse cenário, a escola assume um papel central: ajudar estudantes a compreender, utilizar e questionar criticamente as tecnologias com as quais convivem.

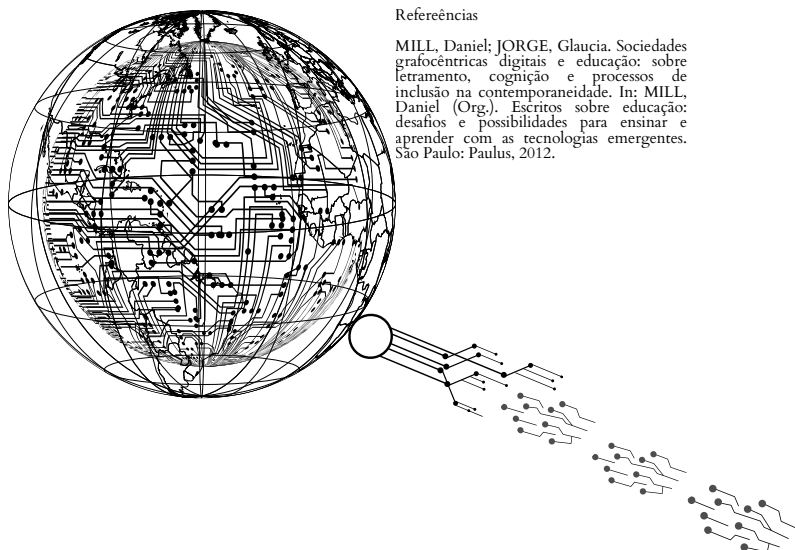
Mais de uma década depois da publicação do texto, percebo que muitas das questões que levantamos se tornaram ainda mais visíveis. As redes sociais, os ambientes virtuais de aprendizagem, a produção colaborativa de conteúdos, a circulação massiva de informações e até os debates atuais sobre inteligência artificial mostram que a relação entre escrita, tecnologia e aprendizagem continua se transformando rapidamente.

Talvez por isso o artigo ainda dialogue com o presente. Ele nasceu de uma tentativa de compreender uma transição histórica que ainda está em curso. A educação segue enfrentando o desafio de formar sujeitos capazes de ler o mundo, e também de escrever nele, em contextos cada vez mais complexos, digitais e interconectados.

No fundo, a pergunta que nos mobilizava em 2012 continua sendo a mesma que me acompanha hoje: como a educação pode ajudar as pessoas a participar de forma crítica, criativa e inclusiva das culturas digitais que estruturam a vida contemporânea? Essa, acredito, continua sendo uma das grandes questões do nosso tempo.

Referências

MILL, Daniel; JORGE, Gláucia. Sociedades grafocêntricas digitais e educação: sobre letramento, cognição e processos de inclusão na contemporaneidade. In: MILL, Daniel (Org.). *Escritos sobre educação: desafios e possibilidades para ensinar e aprender com as tecnologias emergentes*. São Paulo: Paulus, 2012.





TERRITÓRIOS PIBID

Uma publicação do PIBID ALFABETIZAÇÃO EAD - UFOP

Trabalho acadêmico à vista: protagonismo negro!



O Jornal Territórios PIBID indica a leitura da monografia de Conclusão de Curso intitulada “O protagonismo negro na literatura infantil: representatividade, valorização da identidade e quebra de estereótipos”, de autoria de **Amanda Cristina Silva Carneiro** orientado pelo **prof. Titular. Hércules Tolêdo Corrêa**, e co-orientado pela profa. Dra. Gláucia Jorge do Departamento de Educação e Tecnologias do CEAD-UFOP.



Amanda Cristina e seu orientador, prof. Titular Hércules Tolêdo Corrêa
- Foto Acervo pessoal de Amanda Cristina

Protagonismo negro na literatura infantil: histórias que ajudam a transformar a escola

Pesquisadora: Amanda Cristina Silva Carneiro – Pedagogia/EAD UFOP

A literatura infantil tem um papel muito importante na formação das crianças. É por meio das histórias que elas conhecem diferentes mundos, aprendem valores e começam a construir a forma como veem a si mesmas e aos outros. Mas será que todas as crianças se sentem representadas nos livros que leem?

Essa foi a pergunta que motivou a monografia de conclusão de curso “O protagonismo negro na literatura infantil contemporânea: representatividade, valorização da identidade e quebra de estereótipos”, produzida por Amanda Cristina Silva Carneiro, graduanda do curso de Pedagogia a distância do CEAD-UFOP, em 2025. O trabalho foi orientado pelos professores Hércules Tolêdo Corrêa e Gláucia Jorge. Na pesquisa, Amanda Carneiro buscou compreender como a literatura infantil pode ajudar crianças negras a se reconhecerem nos livros com orgulho, beleza e sentimento de pertencimento. Para isso, ela analisou duas obras bastante conhecidas: *Amoras* (2018), do artista e escritor Emicida, e *O Pequeno Príncipe Preto* (2020), do ator e escritor Rodrigo França.

Nos dois livros, personagens negros aparecem como protagonistas de suas próprias histórias. Eles são apresentados de forma positiva, sensível e inspiradora, ajudando a romper com estereótipos que por muito tempo marcaram a representação de pessoas negras na literatura infantil.

Para desenvolver a análise, o trabalho dialoga com pesquisadoras e pesquisadores que estudam identidade, educação e relações raciais, como Nilma Lino Gomes, Eliane Debus, bell hooks e Chimamanda Ngozi Adichie. Um dos conceitos lembrados na pesquisa é o perigo da chamada “história única”, expressão popularizada por Chimamanda Adichie: quando apenas uma forma de história é contada sobre um grupo, criamos visões limitadas e muitas vezes injustas.

O trabalho também destaca que livros com protagonistas negros podem ser grandes aliados na escola, contribuindo para o letramento racial desde a infância e para o cumprimento da Lei nº 10.639/2003, que determina o ensino da história e da cultura afro-brasileira nas escolas.

Para professores e bolsistas do PIBID, a reflexão é simples e poderosa: os livros que escolhemos ler com as crianças fazem diferença. Quando ampliamos as histórias presentes na sala de aula, ajudamos a construir uma escola em que todas as crianças possam se reconhecer, se sentir valorizadas e afirmar sua identidade com orgulho.

Para professores e bolsistas do PIBID, a reflexão é simples e poderosa: os livros que escolhemos ler com as crianças fazem diferença. Quando ampliamos as histórias presentes na sala de aula, ajudamos a construir uma escola em que todas as crianças possam se reconhecer, se sentir valorizadas e afirmar sua identidade com orgulho.





TERRITÓRIOS PIBID

Uma publicação do PIBID ALFABETIZAÇÃO EAD - UFOP

Dica de Leitura:



Autor(a): Rodrigo França
 Ilustrações: Juliana Barbosa Pereira
 Editora: Nova Fronteira
 Idioma: Português
 Tamanho: 7697 KB
 Nº de Páginas: 53
 Categoria: Literatura e Ficção

A leitura de *O Pequeno Príncipe Preto*, de Rodrigo França, é um convite sensível e necessário para leitores de todas as idades. Inspirado no clássico *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, o livro apresenta uma nova perspectiva ao colocar uma criança negra como protagonista de uma jornada de descobertas e aprendizagens. A narrativa acompanha um menino que vive em seu pequeno planeta e viaja por outros mundos, espalhando sementes de baobá chamadas Ubuntu, símbolo de ancestralidade, coletividade e sabedoria.

Ao longo da história, o jovem príncipe encontra personagens e situações que o ajudam a compreender valores como amizade, respeito às diferenças, autocuidado e pertencimento. Diferentemente da obra clássica, a árvore baobá deixa de ser vista como ameaça e passa a representar memória, cultura e conexão com as raízes africanas, trazendo para o centro da narrativa saberes e tradições que valorizam a ancestralidade e a diversidade cultural.

Nesse sentido, a obra também se mostra extremamente relevante para o contexto escolar. A leitura literária na escola desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da imaginação, da sensibilidade e do pensamento crítico das crianças. Ao entrar em contato com histórias que apresentam diferentes culturas, identidades e formas de ver o mundo, os estudantes ampliam seu repertório cultural e aprendem a respeitar as diferenças. Livros como *O Pequeno Príncipe Preto* contribuem para que crianças negras se reconheçam nas narrativas e para que todas as crianças compreendam a importância da diversidade e da convivência com o outro.

Com linguagem poética e reflexiva, e com as ilustrações de Juliana Barbosa Pereira, a obra oferece uma experiência de leitura rica e envolvente. Mais do que uma releitura de um clássico, o livro se torna uma ferramenta relevante para a formação de leitores sensíveis e conscientes, mostrando que a literatura, especialmente no espaço escolar, pode abrir caminhos para o diálogo, a empatia e a construção de uma sociedade mais justa e plural.

PIBID vai ao cinema



Direção: Claude Barras
 Roteiro: Céline Sciamma

Elenco: Gaspard Schatter, Sixtine Murat, Paulin Jaccoud

Título original: *Ma vie de courgette*

Suiça/ França, 2016

66 minutos

Assista *Minha vida de abobrinha* no YouTube:
<https://youtu.be/7pAWKwJFAA?si=CQNNF4tD52FOJE>

Fonte: gmagens

Assistir a *Minha Vida de Abobrinha* é como aproximar-se, com cuidado, do universo emocional das crianças que habitam a história. O filme apresenta Icare, um menino que passa a ser chamado de Abobrinha, cuja vida é abruptamente transformada após uma perda profunda. A partir desse acontecimento, o espectador é conduzido a acompanhar sua chegada a um novo ambiente e, junto com ele, a percorrer um caminho delicado de descobertas, medos e reconstruções afetivas.

À medida que a narrativa avança, surge uma pergunta que atravessa todo o enredo e permanece ecoando na mente de quem assiste: como uma criança continua vivendo depois de experimentar uma tragédia? Ou, dito de outro modo, o que aconteceu com a infância quando ela é atravessada por experiências tão difíceis? O filme não responde de forma direta, mas convida o público a observar atentamente as relações que se formam entre as crianças e os adultos ao redor delas.

Essa reflexão dialoga profundamente com o cotidiano de quem atua na educação, especialmente daqueles envolvidos em programas de formação docente como o PIBID. A história recorda algo que muitas vezes passa despercebido no dia a dia escolar: crianças chegam à escola carregando histórias que nem sempre são visíveis. Por trás de comportamentos considerados difíceis, de silêncios prolongados ou de atitudes aparentemente desinteressadas, podem existir experiências complexas que os adultos desconhecem.

Nesse sentido, o filme provoca algumas perguntas importantes para educadores: estamos realmente escutando nossas crianças? A escola tem conseguido se constituir como um espaço de acolhimento e reconstrução afetiva? Mais do que apresentar respostas prontas, a narrativa sugere a importância do cuidado coletivo. Professores, colegas, amigos e outros adultos significativos podem desempenhar papéis fundamentais na reorganização do mundo emocional de uma criança. Não se trata de apagar aquilo que aconteceu, mas de construir, pouco a pouco, novas possibilidades de vínculo, confiança e pertencimento.

Ao final, permanece uma sensação que acompanha o espectador para além da tela: mesmo quando marcadas por histórias de dor e adversidade, as crianças ainda são capazes de reencontrar caminhos de alegria, amizade e esperança quando encontram ambientes de segurança e afeto. O filme, então, deixa uma pergunta aberta, simples e profunda ao mesmo tempo: o que uma criança precisa para seguir em frente?

Talvez a obra não ofereça uma única resposta, mas indique algo essencial. Para crescer e continuar acreditando no mundo, toda criança precisa, antes de qualquer coisa, ter a chance de experimentar o cuidado e o amor verdadeiros.



Clássicos em Território aberto: Machado de Assis

Um apólogo

Machado de Assis

sugira um conto de domínio público para o Território Aberto! Escreva para glaucia@ufop.edu.br

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

- Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?
- Deixe-me, senhora.
- Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.
- Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.
- Mas você é orgulhosa.
- Decerto que sou.
- Mas por quê?
- É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?
- Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?

— Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...
— Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que eu faço e mando...

— Também os batedores vão adiante do imperador.

— Você é imperador?

— Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana — para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

— Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...

A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

— Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...

A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E enquanto compunha o vestido da bela dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe:

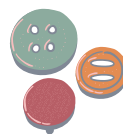
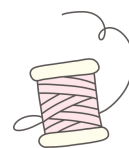
— Ora agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha: — Anda, aprende, tola. Canças-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça: — Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

ASSIS, Machado de. Um apólogo. Todos os contos de Machado de Assis. Disponível em: <https://machadodeassis.net/texto/um-apologo/31424>. Acesso em: 12 nov. 2023.

» <https://machadodeassis.net/texto/um-apologo/31424>





TERRITÓRIOS PIBID

Uma publicação do PIBID ALFABETIZAÇÃO EAD - UFOP

Território digital – Dica de APP com a bolsista PIBID Joyce Maia



O EduEdu é um aplicativo educacional brasileiro voltado à alfabetização de crianças, que utiliza jogos interativos e atividades lúdicas para desenvolver leitura, escrita e consciência fonológica.

Ele foi criado com base em evidências científicas sobre aprendizagem da leitura e pode ser usado por professores, famílias e estudantes como apoio ao processo de alfabetização.

Um dos pontos mais positivos do EduEdu é a forma como ele traz o aprendizado de maneira mais leve. A ludicidade sempre vence por lá. As atividades, muitas vezes em formato de jogos, tornam o processo mais interessante para os alunos, diferente dos métodos tradicionais que podem ser cansativos (como as cópias repetitivas, que nem todo mundo gosta ou que não funcionam para todos). Além disso, o aplicativo estimula a autonomia da criança, que pode avançar no seu ritmo enquanto o professor acompanha seu progresso.



Nós só temos cartilhas e fichas de escrita?

Joyce Maia do Nascimento
Graduanda em Pedagogia – UFOP/EAD

Quando o ano letivo começa, cheio de expectativas e receios, sempre aparece aquela dúvida: será que as crianças vão aprender com facilidade ou vamos precisar recalcular a rota? Alfabetizar não é simples, já sabemos disso, é um processo cheio de camadas, descobertas e desafios. Quem já aprendeu a ler muitas vezes esquece o quanto esse momento é marcante. Eu, por exemplo, ainda lembro do entusiasmo ao conseguir ler um outdoor pela primeira vez.

Apresentar o EduEdu como um aplicativo voltado para apoiar tanto o professor quanto o aluno no processo de alfabetização é falar sobre ludicidade e praticidade durante esse período da vida do estudante. Em meio a tantos recursos digitais, o EduEdu surge como uma ferramenta acessível, confiável, dinâmica e superinterativa.

O aplicativo reúne atividades, avaliações, recomendações e dados sobre o desempenho dos alunos. Assim, fica mais fácil entender onde estão as dificuldades e pensar em intervenções mais objetivas, sem precisar “adivinhar” o que está acontecendo com cada criança. Tudo isso conta com variados recursos, como testes para dislexia, recursos socioemocionais e ferramentas de acessibilidade.



Na prática, isso faz MUITA diferença. Imagine um aluno com dificuldade em reconhecer os sons das palavras: com o uso de atividades interativas, é possível trabalhar essa habilidade de forma mais dinâmica e envolvente. Ao mesmo tempo, o professor consegue acompanhar essa evolução ao longo do tempo por meio de relatórios detalhados das habilidades e necessidades do aluno, estimulando o entendimento de que aprender também envolve erros e retomadas.

Apesar dos desafios da profissão – que existem e são muitos, recursos como o EduEdu funcionam como aliados importantes. Com eles, o professor não precisa mais caminhar no escuro, tentando prever dificuldades ou buscando atividades que, muitas vezes, podem não estar contextualizadas para o aluno. E possível ensinar com mais segurança, sensibilidade e intenção. Um detalhe interessante sobre o EduEdu é que a família, para apoiar o processo de alfabetização, também pode utilizar o aplicativo.

Fica, então, o convite: vale a pena conhecer o EduEdu e explorar suas possibilidades no processo de alfabetização.

O PIBID
ALFABETIZAÇÃO
EAD INCENTIVOU A
IMPLEMENTAÇÃO
DO EDU EDU NAS
ESCOLAS





TERRITÓRIOS PIBID

Uma publicação do PIBID ALFABETIZAÇÃO EAD - UFOP



TERRITÓRIOS RESponde

Entendendo as sílabas: um conhecimento essencial para quem alfabetiza

Gláucia Jorge e Rosângela Magalhães



Na alfabetização, compreender como as sílabas se organizam na língua portuguesa é um conhecimento importante para o professor que acompanha o processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Para explicar isso de forma simples, podemos imaginar uma conversa em uma sala de formação de professores.

“Professor, por que as crianças aprendem algumas palavras com mais facilidade do que outras?”

Uma das razões está na estrutura das sílabas presentes nas palavras. Na língua portuguesa, existe um tipo de sílaba considerado mais simples e frequente: a sílaba canônica. Ela segue o padrão consoante + vogal (CV), como em pa, ma, to ou la. Esse tipo de organização aparece em muitas palavras do português e costuma ser mais fácil de perceber e de produzir pelas crianças no início da alfabetização. Por isso, muitas propostas pedagógicas começam explorando palavras com essa estrutura (MORAIS, 2012).

“Então quer dizer que todas as sílabas são assim?”

Não. Existem também as chamadas sílabas não canônicas, que apresentam estruturas mais complexas. Elas podem incluir encontros consonantais ou terminar em consoante. Alguns exemplos são: CVC (sol, mar), CCV (pra, tra, pla) ou VC (ar, um). Essas combinações exigem que a criança perceba mais de um som consonantal na mesma sílaba ou que identifique sons finais menos evidentes na fala (CAGLIARI, 2009).

“E por que isso é importante para quem alfabetiza?”

Porque o processo de aprendizagem da escrita não acontece de forma aleatória. As crianças costumam dominar primeiro as estruturas silábicas mais simples e, gradualmente, avançar para formas mais complexas. Quando o professor conhece essas diferenças, ele consegue compreender melhor as hipóteses que as crianças elaboram sobre a escrita e planejar atividades que respeitem esse percurso de aprendizagem (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999).

Além disso, esse conhecimento ajuda o professor a interpretar certos “erros” comuns na alfabetização. Por exemplo, quando uma criança escreve pato como paço, pode estar mostrando dificuldade em perceber a consoante final da sílaba. Nesse caso, o desafio não é apenas memorizar letras, mas desenvolver a consciência sobre os sons que compõem as palavras.

“Então estudar sílabas faz parte do trabalho do professor alfabetizador?”

Sem dúvida. Conhecer a estrutura das sílabas permite ao professor selecionar palavras, textos e atividades mais adequados ao momento de aprendizagem dos alunos. Também contribui para o desenvolvimento da consciência fonológica, habilidade considerada fundamental para o avanço na leitura e na escrita (MORAIS, 2012).

Em outras palavras, compreender a diferença entre sílabas canônicas e não canônicas ajuda o professor a enxergar o processo de alfabetização com mais clareza. Em vez de apenas observar se a criança acertou ou errou uma palavra, ele passa a entender como ela está pensando a escrita e quais caminhos pedagógicos podem ajudá-la a avançar.

Referências:

- CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e linguística. 11. ed. São Paulo: Scipione, 2009.
 FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artmed, 1999.
 MORAIS, Artur Gomes de. Consciência fonológica na educação infantil e no ciclo de alfabetização. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

Expediente

Territórios PIBID
 Edição 1 – Abril/Maio 2026
 Ouro Preto, Minas Gerais
 ISBN 978-65-01-96212-2
 Publicação vinculada Subprojeto
 Alfabetização – EAD
 do Programa Institucional de
 Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) UFOP.

Coordenação Editorial
 Profa. Dra. Gláucia Maria dos Santos Jorge
 Profa. Dra. Rosângela Márcia Magalhães

Conselho Editorial
 Gláucia Maria dos Santos Jorge
 Rosângela Márcia Magalhães
 Liliane dos Santos Jorge
 Joyce Maia do Nascimento
 Giovanna Tayller Rodrigues de Oliveira
 Cláudia Aparecida de Andrade

Organização
 Rosângela Márcia Magalhães
 Gláucia Maria dos Santos Jorge

Revisão
 Rosângela Márcia Magalhães
 Gláucia Maria dos Santos Jorge

Projeto Gráfico e Diagramação
 Gláucia Maria dos Santos Jorge

Colaboradores(as) desta edição

Liliane dos Santos Jorge
 Hércules Tolêdo Corrêa
 Ana Beatriz Maia Silva
 Amanda Cristina Silva Carneiro
 Bolsistas e supervisoras PIBID Alfabetização EAD
 Danilo Ornelas

Contato:
 glaucia@ufop.edu.br
 rosangela.uabped@ufop.edu.br